

Reminiscências

rebeca gadelha

Caucaia
2023

E quem, morrendo no mar,
pode ser levado num carro
fúnebre?

Hermam Melville

Capa & Projeto Gráfico
Rebeca Gadelha

Revisão
Aline Daiara

Dados para Catalogação na Fonte
Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

G124r

Gadelha, Rebeca

Reminiscências / Rebeca Gadelha. – 2. ed. – Cau-
caia: A autora, 2023.

64 p.: il.:color.; 18 cm.

ISBN 978-65-00-81837-6

1. Literatura brasileira – Contos. 2. Literatura bra-
sileira – Poesia. 3. Crônicas – Literatura brasileira. I.
Título.

CDD B869

Apresentação

Roland Barthes, semiólogo e filósofo francês, relata em trechos do seu último livro, *A Câmara Clara*, o impacto emocional ao reunir fotografias da sua falecida mãe — *E eis que começava a nascer a pergunta essencial: será que eu a reconhecia?* (p. 99)

Em *Reminiscências*, Rebeca Gadelha promove, no seu livro de estreia, algo similar ao dissecar memórias e verbalizar perdas e carências em fragmentos narrativos que dialogam com retratos antigos da sua família.

A autora ressignifica sua própria trajetória ao esclarecer:

“Nado no silêncio caçando as verdades que não puderam ser ditas. Pego as que encontro e tento criar minha própria narrativa. Tento conhecer os estranhos que — um dia — chamei de família.”

No seu percurso, ela dispensa clichês, não se apegando a uma escrita confortável e a receituários

banais para vencer o abismo doloroso da ausência paterna. É um mergulho honesto, uma *egotrip* melancólica, um enfrentamento de uma herança genealógica que ousa definir o futuro, mas que expõe a fragilidade na concepção de uma cartografia afetiva por vezes apática e covarde. Há nessa estrutura narrativa um sentimento de luto, uma saudade abissal que não se disfarça ou se omite.

O livro é uma homenagem, uma carta, uma declaração:

“Vovô foi o único pai que conheci, um pai bêbado e, às vezes, cruel em sua embriaguez, mas um pai. Ele, com sua rigidez militar, nos mantinha juntas, era ele a cola que nos unia, não o sangue ou o nome ou as lacunas. Nos últimos anos, vovô já não bebia. Sóbrio, vovô era bom, era ótimo, mas eu não sabia.”

A vida imita a arte, a arte imita a vida.

Ao finalizar a leitura do livro recordei de uma frase que o então crítico de cinema no Jornal do Commercio, hoje professor e cineasta Alexandre Figueirôa, utilizou para definir o filme *My Own Private Idaho*, de Gus Van Sant, em 1991: Quando a tristeza é bela!

É necessário ressaltar que o nascimento dessa obra já fotografa um novo presente para quem a escreve. Talvez Rebeca não tenha ainda se dado conta que já não está no mesmo lugar. Ao criar *Reminiscências* se liberta da geografia agridoce e se distancia da “herança psicológica” que circunda seus antepassados. Ela responde, mesmo que inconscientemente, que já desenha sua própria história.

Taciana Oliveira
comunicóloga, cineasta
e editora da plataforma Mirada.

Fragmentos

- Prólogo -

Vovô morreu e a alegria escapou por entre os dedos, o mundo se tingiu de cinza. Ser o 16º em um curso qualquer de uma faculdade conceituada não o traria de volta. Antes de um mês passar, a tia me expulsou da casa da vó. Vó colocou a mão no peito e disse que assim morreria, morreria. Mãe me arrastou pela porta e me levou para ver o mar. O sol queimava e o mar estava calmo, mamãe não queria ficar órfã, mesmo sabendo que seria inevitável — nunca perdoei vovó, meu amor por ela se derreteu como o gelo naquela tarde de sol e — assim como água — evaporou. Mesmo as gotas que tentei segurar se foram e voltaram como água em meus olhos — apenas para sumir de novo.

